

No Incra, vive-se sob o perigo

Desde que assistiram na TV, no dia 17 de fevereiro último, ao inferno em que se transformou o edifício Andorinha, no centro do Rio de Janeiro, após a explosão de uma tomada elétrica, os funcionários do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) não trabalham mais em paz. É que o Palácio da Agricultura, no Setor Bancário Norte, onde funciona parte do Incra, além de não possuir escadas de emergência, apresenta-se vulnerável sob diversos aspectos, caso ali venha a ocorrer um incêndio.

Tomando consciência do perigo que correm obrigatoriamente todos os dias úteis, a advogada e funcionária do Incra, Maria Elida Mendes Motta, funcionária do Departamento Administrativo e Financeiro do Incra, instalado no 11º andar do edifício de 23 pavimentos, começou a mobilização, no início de 1985, para que medidas de segurança fossem adotadas naquele edifício de propriedade da firma Sersan - Terraplenagem, Construção Civil e Agropecuária Ltda.

A partir daí, o prédio já foi vistoriado diversas vezes pela Diretoria de Serviços Técnicos do Corpo de Bombeiros do DF. Os relatórios consideraram o prédio deficiente quanto à ocorrência de incêndios e apontavam as medidas de segurança que deveriam ser adotadas, com a maior brevidade possível, imprescindíveis para a edificação. No entanto, até agora, segundo Maria Elida, nada mudou.

O Palácio da Agricultura é composto de 23 pavimentos, sendo dois subsolos, um térreo e vinte superiores, ocupado por

órgãos da administração pública. O acesso ao prédio é considerado difícil pelo CBDF devido à grande quantidade de carros estacionados nas imediações em horário comercial.

O primeiro subsolo, sobreloja e do quinto ao décimo primeiro andares são ocupados pelo Incra. O primeiro, segundo e terceiro andares são ocupados pelo Conselho Nacional de Agricultura. O quarto andar foi totalmente destruído por um incêndio, em 1984, e encontra-se interdito.

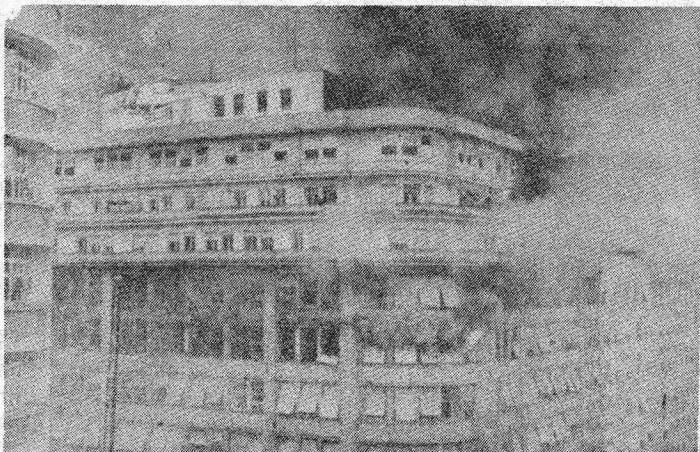
Do décimo segundo ao vigésimo andares o prédio encontra-se desocupado.

O edifício possui somente uma escada central que atende a todos os pavimentos. A escada tem a largura de 1,20 metro, ou seja, é insuficiente para o fluxo de pessoas em circunstâncias normais, caso não seja possível o uso dos elevadores. Além disso, o acesso pela escada ao terraço do edifício — que por si

tem até pista de pouso para helicópteros — acha-se obstruído por uma parede em alvenaria, a partir do décimo segundo andar, dotada de porta de madeira, permanentemente fechada.

Esses andares superiores, embora estejam desocupados, funcionam como depósitos de materiais entulhados como divisórias, carpetes, forros e outros grandes propagadores de fogo, caso ali ocorresse um incêndio.

O parecer expedido pelo CBDF, em 1º de julho de 1985, determinava a desobstrução total da escada — única forma que permitiria aos funcionários chegarem ao terraço do prédio. Mas nada disso foi feito e o temor dos funcionários continua. Ao que tudo indica, tão logo esfrie o episódio dramático do Andorinha, os problemas do Palácio da Agricultura deverão ser esquecidos até a próxima tragédia.



Tragédia do Andorinha traz à lembrança permanentes riscos